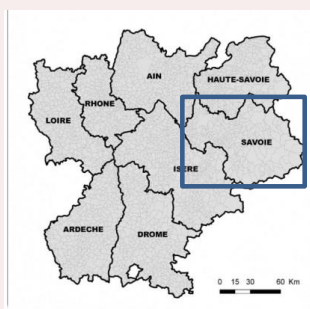


## Chambéry

Estamos na região francesa chamada *Rhône-Alpes*, representada no pequeno mapa da esquerda. As regiões correspondem, na França, mais ou menos, aos estados da federação, no Brasil, e cada uma delas é dividida em departamentos. Estamos passando uns dias em *Aix-les-Bains*, que fica no *Département de la Savoie* (está detalhado no mapa da direita), que é o mais oriental da região e cuja principal cidade é *Chambéry*, que tem pouco mais de 50 mil habitantes, mas tem muita história para contar e ser contada.



A cidade é chamada de “Cité des ducs”, por ter se tornado sede dos territórios sob domínio dos Condes da *Savoie*, em 1295, que acederam, depois, ao título de duques, o que explica o codinome que Chambéry tem ainda hoje. Ela exerceu tal papel até a sede do ducado ser transferida para Turim, em 1562.

Depois, os duques desta dinastia tornaram-se, no século XVIII, reis de Sardenha, ilha a partir da qual dominavam uma boa parte do território europeu, como mostra a área em azul do mapa que extraí da Wikipédia.

A partir de 1860, com o fim do reinado, Chambéry passou a fazer parte da França e a ter importância muito menor do que teve em seus tempos áureos, pois mesmo quando deixou de ser a capital política do território dominado pelos duques, ainda continuou a ser capital histórica do ducado. Hoje, ficam os testemunhos deste passado, num centro histórico muito simpático.



Em razão desta função, o coração da cidade é marcado pelo imponente *Chatêau des Ducs de Savoie*, situado no alto da colina que domina a porção medieval do aglomerado urbano. Foi erguido no mesmo sítio em que os romanos, séculos antes, haviam fundado *Lemencum*. Hoje, há: - uma torre do antigo forte que deu origem ao castelo; - o grande edifício que não é mais o original do período medieval, pois este foi destruído num incêndio do século XVI, e sim a edificação do período de Napoleão III; e - a capela erguida no século XV, no lugar da anterior.

Por meio da foto da maquete, em exposição no museu, que ocupa hoje uma parte do palácio, é possível se ter uma noção do conjunto e ver que se misturam estilos medieval, clássico e gótico.



Em torno deste conjunto arquitetônico importante, estão as ruas estreitas e as passagens escuras sob as edificações, como testemunho do período medieval. Este espaço, a *Vieux Chambéry*, agora, é ocupado por pequenos restaurantes, galerias de arte, boutiques, sedes de algumas instituições e de outros pequenos serviços, que se mesclam com alguma função residencial que remanesce e/ou se revitaliza. Passear pela cidade, numa manhã de sábado, ajuda a apreender um pouco do que é a vida cotidiana dos franceses. Há uma feira que se estende em frente à *Les Halles* (mercado público), já fora da área de formas orgânicas que esteve rodeada por muralhas séculos antes, bem próxima a esta parte mais antiga da cidade, no coração do atual centro comercial, a dois passos do *Palais da Justice* e não muito

longe do *Hôtel de Ville* (prefeitura) da cidade.

Dá gosto ver as feiras na França – as barracas de queijo com uma variedade incrível; as de embutidos, que são muito valorizados nesta região do país; as de frutas, arrumadas milimetricamente; as de alimentos prontos, frangos assados ou *paellas* prontas para levar para casa; sem contar a barraca que vendia galinhas e coelhos vivos para quem quisesse atrever-se a preparar pratos mais tradicionais.

Apesar da chuva fina que insiste em recomeçar a cada 10 minutos, as pessoas caminham com seus carrinhos e escolhem aqui e ali seus produtos, fazendo a compra sempre em quantidades pequenas. Se, no Brasil, a gente compra uma dúzia de laranjas, aqui há quem compre uma e há casais que levam apenas duas ou três...

Visitando *Les Halles*, que estava movimentadíssimo, mesmo havendo a feira em sua porta, é bonito ver o arranjo dos diferentes boxes, em que vendedores animados atendem à freguesia atenta e parcimoniosa nas quantidades e gastos.

Formatado: Fonte: Itálico



O espaço público estava pleno de vida, mesmo com as temperaturas baixando a cada hora, já anunciando a queda fina de neve, que viria mais tarde.

Aproveitamos uma extensão da feira e paramos numa barraca, que vendia roupa de cama e de mesa, instalada, solenemente, em frente ao *Palais de Justice*.

Compramos duas toalhas de um francês que era bom vendedor e aproveitamos para perguntar sobre o grupo que, nesta manhã de sábado, fazia sua manifestação.

Ele diminuiu o tom de voz, chegou-se mais perto de nós e explicou baixinho, como se fosse possível que alguém do grupo o escutasse a uma distância de quase 3100 metros: *“Não que eu queira fazer algum julgamento... mas, se trata de um grupo de radicais que, ainda, acha que se deve defender a independência da Savóia em relação à França. Mais um grupo de direita por aí... eles querem se transformar de savoyards em savoisiens”*.

Retomando o tom normal de voz, continuou desfilando a qualidade de seus produtos com o intuito de me fazer comprar mais alguma coisa, esquecendo-se

completamente dos manifestantes que nos faziam lembrar os séculos passados de *Chambéry* e da *Savoie*, tremulando a bandeira vermelha e branca do antigo ducado, justo nesta semana que toda a França está vestida de *bleu, blanc et rouge*, por causa dos atentados de oito dias atrás ([13 de novembro de 2015](#)) em Paris.



É impressionante observar como a cidade é preparada para o pedestre. Além de haver várias ruas de uso exclusivo deles, algumas, entre as destinadas à circulação de veículos, têm a metade da largura reservada aos que andam a pé.

Vamos até o escritório de turismo e encontramos um espaço bem organizado, decorado com mobiliário moderno e com mil folhetos e vários mapas disponíveis. Embora, no geral, os franceses sejam pouco pacientes, a funcionária foi incrivelmente didática e pródiga no oferecimento de informações. Não dá para não ficar triste pelo fato de que cidades muito maiores no Brasil, como Presidente Prudente onde moro, não terem, sequer, um mapa disponível para ser consultado por estrangeiros ou por seus moradores.

A chuva aumenta e resolvemos procurar o restaurante que obteve maiores notas, em *Chambéry*, pelos usuários do site *TripAdvisor*. Ele se localiza na *Place Monge* e denominado *Carré des Sensens*. Chegamos, olhamos o menu disposto do lado de fora da porta (isso é uma maravilha na Europa – poder ver os preços antes de entrar nos estabelecimentos ou em suas vitrines) e vemos que o preço é adequado ao nosso orçamento e o ambiente, visto de fora, é bonito e o perfume da comida estimulava nossa imaginação. Já com os sobretudos e os cabelos úmidos, entramos animados, sentimos o quentinho do aquecimento e em apenas 10 segundos (10

segundos mesmo, isso não é força de expressão) a garçonete, dirige-se a nós e diz objetivamente: *“Estamos lotados, até qualquer dia...”*, quase nos colocando porta afora e acabando completamente com nossa animação. Se fosse no Brasil, o garçom demoraria uns minutos para vir até nós e diria: *“Oi, tudo bem? Que pena! Agora está lotado, mas quem sabe... Peraí que eu vou ver se dou um jeito. Não querem esperar um pouco? Acho que o pessoal da mesa do fundo não deve demorar para sair. Não querem esperar, enquanto tomam alguma coisa? Tem outra reserva na frente de vocês, mas vou tentar quebrar o galho e passar vocês na frente...”*.

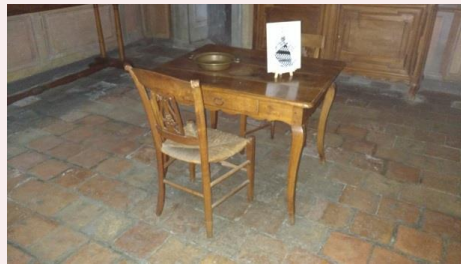
Votamos desanimados para a chuva e andamos mais 200 metros para entrar no primeiro restô que apareceu. Havia lugar, sentamos numa mesa pequena, para, logo, em seguida, perceber que era um estabelecimento de comida *biologique* (o que chamaríamos de comida orgânica). Com a água caindo e a fome apertando, ali permanecemos e, com animação que nos era possível, depois de tanta expectativa, enfrentamos um ravióli sem sal nem pimenta.

Dali fomos para [Les Chermettes](#), um sobrado imponente, já nos *environs* da cidade, onde morou Jean-Jacques Rousseau, que nasceu em Genebra, mas viveu algum tempo em Chambéry. Era bonito o pequeno caminho ladeado de árvores cujas folhas em mil tons de amarelo-castanho-mostarda-vermelhado-café caíam com o vento e a neve que começava a se precipitar. Ficamos a nos perguntar como ele era no tempo de Rousseau – uma pequena estradinha que acedia a propriedades rurais, sem pavimentação. É claro, percorrido por ele em carruagem para chegar aos cafés da cidade, onde encontraria parceiros para discutir suas ideias. A visita ao pequeno museu foi uma decepção. Ao perceber que subíamos o pequeno caminho de acesso ao portal de entrada, o funcionário entreabriu a porta principal e entramos num hall escuro, ao lado do qual estava a pequena sala onde ele, mal humoradamente, estava. Era o único ambiente com a luz acesa. Explicou, mal e porcamente, que podíamos visitar os cômodos abertos e nenhuma outra informação foi dada. Acho que estávamos atrapalhando sua tarde de sossego. Entramos no que deve ter sido um escritório de trabalho, com uma mesa pequena demais, contrastando com a importância do intelectual que a ocupou, e um elegante canapé, atrás do qual Eliseu se posicionou. Em seguida, estávamos na sala que deve ter sido a de refeições, cujo armário só pôde ser visto direito com o flash da máquina. Subimos ao segundo andar e dois quartos (ambos com cama de

**Formatado:** Fonte: Itálico



solteiro) estavam abertos à visitação, sem maiores descrições.... O que melhor se via era o jardim, que à luz do dia, apesar do céu encoberto, tornava extremamente claro em contraste com a falta de iluminação interna. Não resisti e, no livro de registros do museu, escrevi o quanto aquela museologia estava aquém do personagem que ocupou aquela casa alguns séculos antes....



Na saída, protegendo-me da neve que caía leve, enrolo o xale indiano na cabeça e, desse modo, posso vir a me tornar, sem querer, em uma suspeita da polícia francesa, ajudada pela russa e pela estadunidense, nestes dias pós-ataque, em que todas as formas de estigmatização afloram, visto que pouco me distingo de uma senhora imigrante vinda dos países árabes. Que perigo!!!

Carminha Beltrão  
Novembro de 2015